

Texto revisto para a Casa da Leitura em 12/05/2007 e originalmente para: *Promoção da leitura: balanço e perspectivas, Ponte de Lima, 14/3/2006, encontro no âmbito do projecto Vale de Letras, da Valimar (Associação de Municípios do Vale do Lima). Também disponível em: http://www.valimar.org/files/resourcesmodule/@random42436986a44ba/1144756633_Conclus_o_e_interven_es.doc*

Literatura para a infância e a juventude e promoção da leitura

José António Gomes

RESUMO

Partindo da reflexão sobre a importância e o valor da leitura, neste ensaio, José António Gomes procede à caracterização sucinta de diferentes géneros, subgéneros e núcleos organizados de obras da chamada literatura para a infância e juventude, indicando exemplos de autores de qualidade, assim como outras publicações, não literárias, destinadas a estes públicos. No âmbito da promoção da leitura, o autor reflecte ainda sobre o papel da escola e da biblioteca escolar, apresentando sugestões práticas de actividades a realizar naquele contexto.

1. O valor da leitura

Literatura para a infância, promoção da leitura, bibliotecas... Que floresta! Antes de nela me embrenhar, consciente de que o tempo não dá para mais do que um breve passeio pela zona menos sombria do bosque, começo com uma história para crianças. É uma história que leio sempre aos meus estudantes das licenciaturas em Professores do Ensino Básico (1º e 2º ciclos) e Educação de Infância. Na extensa obra de António Torrado, um dos mais conhecidos escritores portugueses de livros infantis, este conto é um dos meus favoritos. Além de nele encontrar uma divertida reflexão sobre a Leitura e os seus escolhos, descubro também alguns dos ingredientes das melhores histórias infantis: a arte de bem contar, doseando a preceito a informação sobre os eventos diegéticos e sublinhando na história os pontos de viragem significativos, para assim manter a atenção do leitor ou ouvinte; o jogo linguístico, a coloquialidade, o humor e o burlesco; o binómio Natureza/Cultura e uma fantasia controlada, mas de larga tradição, assente na ideia de uma irmandade natural entre homem e animal. Não falta sequer uma ponta de sentido crítico e aquela pequena luz no horizonte a que gosto de chamar esperança. No fim de contas, aspectos recorrentes também nesse contador de histórias nato que é António Torrado.

Eis a história, que dá pelo título «Nove vezes nove? Oitenta e um, sete macacos e tu és um» (in *O Jardim Zoológico em Casa*. 3ª ed., Lisboa: Plátano, s.d., pp. 5-12). Ora ouçam:

«Pôs-se um macaco a ler um livro... Era assim que ele via as pessoas fazer. Pegavam nessa coisa chamada livro, destapavam-lhe o miolo, alisavam as letras com a mão, limpavam o pó entre as linhas e punham-se a ler, fazendo, de vez em quando, que sim com a cabeça, que era, com certeza, sinal de grande sabedoria. E ficavam assim que tempos, com o livro no colo, a passar as folhas, uma a uma, todas iguais, todas cheias de letras. Devia ser engraçado ler um livro.

Pensando nisto, o macaco desta história pegou num livro, estalou-o ao meio e ficou-se a olhar para dentro das páginas. Que lhe diziam elas? As páginas abertas do livro à sua frente não lhe diziam nada. Nada.

Então o macaco virou o livro ao contrário. Talvez fosse melhor assim. Não era. Mudou de folha. Espantoso! Parecia-se com a detrás.

O macaco levantou-se. Inclinou a cabeça para um lado. Depois, para o outro. Não, ainda não lhe apanhara o jeito.

Debruçou-se, então, com o nariz em cima do papel. Agarrou no livro com ambas as mãos e deitou-se no chão, de costas. Nem assim.

Por último apontou, de longe, e fez o pino sobre as páginas abertas. Mas não havia meio. Nada resultava.

É que parecia que as letras lhe fugiam. Ora se juntavam aqui, umas em cima das outras, ora se afastavam, além, numa grande pressa.

– Que raio de macacos de letras! – irritou-se o macaco. – Nunca estão quietas.

Soprou-lhes com força. Raspou-as com as unhas. Deu-lhes piparotes impacientes. Tudo inútil.

Então, da zanga em que estava, chorou. Chorou e as letras bailaram, quase a afogarem-se nos olhos do macaco.

– Não chore que magoa a vista – segredou-lhe o cágado Milflores, que só entra nas histórias para dar conselhos que ninguém lhe pede. – Com a vista magoada, menos lê.

Um pirilampo acendeu-se nos olhos do macaco. Era isso, era. Ele devia estar doente da vista. Quem sabe se não precisava também de uma daquelas cangalhas que os homens usam, montadas no nariz?

Foi, portanto, a um senhor doutor dos olhos, um oftalmologista, que é a mesma coisa que médico da vista, mas em mais difícil.

– Ao que vem? – perguntou-lhe o doutor de bata branca.

O macaco queixou-se:

– Ando a ver muito mal, senhor doutor médico. Não consigo ler nada em termos. As letras metem-se umas pelas outras, juntam-se às mãos cheias, fogem para um lado e para o outro e nunca estão quietas, nos carreiros por onde deviam andar. Queria que o senhor doutor me desse um remédio para as pôr na ordem.

O médico coçou o queixo (há médicos que coçam a cabeça e médicos que coçam o queixo. Há também os que coçam o queixo e a cabeça, mas são raros).

Coçou o queixo e disse:

– O caso parece-me complicado, mas vamos estudá-lo com muita atenção. Ora sente-se naquela cadeira.

Apontou a cadeira ao macaco e foi ao fundo da sala acender um quadro, com letras estampadas em cima – letras grandes e pequenas, para todos os gostos e vistas.

– Vá lendo – disse ele ao macaco.

O macaco não lia.

Então, o senhor doutor colocou uns óculos no nariz do macaco, prendeu-os nas orelhas de abano, visto que no nariz não se seguravam e, nos óculos, foi encaixando lentes, umas mais grossas que outras.

A cada lente que punha, dizia:

– Vá lendo.

Mas o macaco não lia.

A consulta demorou que tempos. No fim, o senhor doutor, depois de muito coçar o queixo, sentou-se à secretária e escreveu.

– Acha que isto passa? – perguntou, aflito, o macaco, interrompendo a escrita do doutor.

– Acho que sim, se seguir à risca esta receita.

E deu-lhe a receita para as mãos.

– Vá à Rua da Horta Seca e pergunte pela Dona Madalena Paciente. Ela é que avia destas receitas – disse o médico, despedindo-se.

Sabem o que dizia a receita? Dizia o seguinte:

Dona Madalena

Recomendo-lhe este novo aluno. Trate-o bem. Ele não é burro.

É macaco.

Adeus e cumprimentos.

Doutor Olarilas

Foi assim que o macaco entrou para a escola. Passou a usar uma bata, não como a do doutor, que era comprida, até aos pés, e abotoada atrás, mas como a dos outros meninos, pelos joelhos e abotoada à frente. Não se pode dizer que lhe ficasse muito bem, mas disfarçava.

No recreio, não havia melhor aluno. A saltar à corda, ao eixo e no jogo da macaca ninguém lhe ficava à frente.

Na aula, enfim, na aula, já não seria assim tão bom aluno... Disciplinado e atento isso era. As macaquices, os meninos mal comportados que as fizessem. Ele não. Estava ali para aprender, a conselho médico. E, na verdade, com a paciência da Dona Madalena Paciente, alguma coisa ia ficando na cabeça de dobradiças perras do bom macaco. Em contas, por exemplo, já sabe que: Nove vezes nove, oitenta e um, sete macacos e tu és um!

Nas letras, também, pelas últimas informações que tivemos, se vão registando alguns progressos. Já lê «banana» mas cortada às fatias, assim: BA - NA - NA - e, depois de a ler toda inteira, fica a lambar os beiços, como se a tivesse papado em três dentadas.

– Leia outra vez – pede a Dona Madalena.

– Não, obrigado, senhora professora, mas já estou cheio – diz, delicadamente, o macaco, que não gosta de abusar das comidas nem das letras.

Por este andar, temos a impressão de que, com o tempo e a ajuda da professora, talvez o macaco, consiga, um dia, passar a vista por esta história e perceber o que ela conta. Havia de ser engraçado.»

Já que esta história nos oferece a imagem de um bom macaco ansioso por aceder ao mundo dos livros, meditemos então um pouco sobre o valor da leitura, desta feita recorrendo às palavras do grupo Peonza – e peço desde já desculpa por recorrer a outra longa citação:

«O primeiro valor da leitura é o prazer que proporciona a quem a realiza. Só este objectivo bastaria para justificar plenamente a promoção de hábitos de leitura. No entanto, todos estamos conscientes da grande quantidade de repercussões que deles derivam.

De facto, o acto de ler, longe de ser mecânico, é uma operação que implica a pessoa no seu todo: inteligência e vontade, fantasia e sentimentos, passado e presente. A leitura converte-se assim numa das mais importantes actividades humanas, porque contribui para, e reforça, o processo de maturidade através da autonomia intelectual, sendo garantia também da liberdade pessoal do leitor. Se acrescentarmos a isto que o hábito de ler se alimenta e fortalece com a prática, podemos dizer que estamos, em definitivo, diante da possibilidade de um enriquecimento pessoal constante, já que a leitura é uma das actividades que mais contribuem para o desenvolvimento das diferentes facetas da personalidade.

Deste modo, o livro apresenta-se-nos como um instrumento insubstituível para a permanente formação intelectual, moral, afectiva e estética do leitor, ao mesmo tempo que aumenta a sua experiência e desenvolve a sua capacidade de compreensão e expressão. O hábito de ler, na criança, desperta e estimula a imaginação, fomenta e educa a sensibilidade, provoca e orienta a reflexão e cultiva a inteligência.

O enriquecimento do vocabulário e, como consequência, a melhoria da expressão oral e escrita são outros efeitos de um maior domínio da linguagem, produto, por sua vez, da familiarização do jovem leitor com a linguagem cuidada e polida do escritor.

Noutro plano de análise, a leitura também exige concentração, relação, reflexão, comparação e previsão; todos estes hábitos intelectuais estimulam a estruturação do pensamento. Este processo, por sua vez, estimula o raciocínio que se reconstrói de maneira contínua na mente da criança ao ritmo da leitura. Por outro lado, os livros induzem a identificação da criança com grande número de personagens positivas

que a convidam a viver e a desfrutar das mais incríveis e fantásticas situações.

A literatura é uma arte misteriosa e profunda; talvez a mais eficaz, influente e universal de todas as manifestações artísticas, na medida em que permite ultrapassar as fronteiras espaciais e temporais e chegar facilmente a qualquer região do globo. Este é outro dos seus grandes valores para qualquer leitor.» (Garcia Sobrino et al.: 1994: 10)

Poderia expender mais e mais ideias sobre o valor da leitura e sobre a importância de começar a construir leitores desde a mais tenra idade. Mas fico-me por aqui, avançando já para outro tópico: o livro infantil e juvenil.

2. Livros para crianças e jovens

Aliado à prática conversacional com a criança e ao hábito de lhe contar histórias diariamente desde os primeiros anos de vida, o livro infantil é um dos melhores instrumentos de que dispomos para proporcionar aos mais novos a possibilidade de se tornarem seres humanos mais livres e cultos, solidários e críticos, graças a esse gradual domínio da palavra e da competência literária que a leitura propicia. E ao dizer isto, falo de mulheres e homens menos susceptíveis de se deixar manipular ideologicamente por outros homens e pelo(s) poder(es) do momento. Falo de gente capaz de, identificando-se com a personagem de uma história, entender melhor as alegrias, dores e sonhos de um ser humano; gente capaz de saber enfrentar as duras realidades da existência, as frustrações e as feridas narcísicas, e de empreender um percurso de vida em sociedade baseado na capacidade de modelizar e reinventar o real através da linguagem. Falo de mulheres e homens aptos a, recorrendo à palavra, interagir de forma adequada com os seus semelhantes, na base da comunicação verbal, da argumentação e da negociação, tanto no exame lógico dos problemas, como na expressão da discordância, do protesto ou dos afectos. Saber ler, adquirir a pouco e pouco o gosto de ler constitui, deste ponto de vista, uma conquista fundamental no processo de educação para a cidadania.

A literatura em geral e a destinada à infância em particular desempenham neste quadro um papel de relevo. Tendo como destinatário preferencial, mas não exclusivo, a criança ou o jovem, os livros para a infância e a juventude, na sua diversidade, estão longe porém de se restringir ao campo da literatura. E qualquer biblioteca, seja ela escolar ou pública (e, por que não, familiar?), deverá ter em conta esta realidade, dando assim resposta à potencial disparidade de gostos e interesses de leitura que caracterizam o universo multifacetado dos seus utilizadores. Estes são crianças e jovens de diferentes idades e sexos, com diferentes experiências linguísticas, cognitivas, sociais e culturais, e em fases diferenciadas do desenvolvimento das competências de leitura. Nesta óptica, e sem o propósito de ser exaustivo, passarei então em revista a diversidade da actual oferta editorial para o público infantil e juvenil.

No domínio da **ficção**, consideraremos, entre outros, os seguintes géneros (termo que utilizo aqui numa acepção mais ampla do que a de uma rigorosa noção de *género literário*):

1. **A literatura tradicional de transmissão oral** entretanto recolhida e reescrita com maior ou menor fidelidade a determinadas fontes, ou objecto de adaptações e recriações modernas. Ao falar de literatura tradicional de transmissão oral, refiro-me a contos populares, «rimas infantis», romances tradicionais, provérbios, etc., que originalmente chegavam ao conhecimento dos mais pequenos por via da oralidade. António Torrado, Alice Vieira e muitos outros antes deles se dedicam ou dedicaram à publicação, em livro, de textos resultantes de um trabalho de reescrita, adaptação ou recriação dessas composições inicialmente orais e que constituem um precioso património literário colectivo.
2. Merecem referência especial os **contos tradicionais**, originários também da literatura popular oral, a que alguns escritores de assinalável talento narrativo, como **Charles Perrault** (França, séc. XVII), **Jacob e Wilhelm Grimm** (Alemanha, séc. XIX) ou a portuguesa **Ana de Castro Osório** (na viragem do séc. XIX para o séc. XX), deram forma escrita literária.
3. Em lugar à parte cabem os contos de grandes autores como **Hans Christian Andersen** (Dinamarca, séc. XIX) e **Oscar Wilde** (Irlanda/Inglaterra, sécs. XIX e XX), por vezes erradamente qualificados como tradicionais, que na verdade são produções originais, ainda que, aqui e acolá, possam ter sido influenciadas pelo maravilhoso popular, os seus temas, motivos e personagens.
4. Um núcleo fundamental é o das **obras de ficção narrativa relativamente extensas**, hoje consideradas «clássicas» e canónicas, que tiveram a criança e/ou o grande público como destinatários preferenciais. Neste vasto, magnífico e diversificado conjunto de livros que o século XIX e os primeiros anos do século XX nos legaram – e que oscila entre a aventura, o fantástico, o *nonsense* ou o humor – poderíamos incluir obras tão diferentes como *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carroll, *As Aventuras de Tom Sawyer* de Mark Twain, *As Aventuras de Pinóquio* de Collodi, diversas obras de Stevenson como *A Ilha do Tesouro*, ou ainda *A Maravilhosa Viagem de Nils Holgersson através da Suécia* de Selma Lagerlöf e *Peter Pan* de James M. Barrie, mas também o fabuloso *Romance da Raposa* de Aquilino Ribeiro, para não falar de outros «clássicos» portugueses.
5. Mencionem-se também as chamadas «**obras anexadas**» à literatura para a infância, não escritas para este público mas inúmeras vezes adaptadas (muitas vezes sem critério), como as fábulas de La Fontaine (séc. XVII), o *Robinson Crusoe* de Daniel Defoe e *As Viagens de Gulliver* de Jonathan Swift (séc. XVIII) ou *Os Três Mosqueteiros* de Alexandre Dumas (pai) e alguns romances de Charles Dickens. Certa ficção científica ou de aventuras de assinalável receptividade popular – como algumas obras de Jules Verne ou de H. G. Wells – poderia inserir-se também neste conjunto. E conviria, a propósito, citar ainda as muitas e variadas **adaptações** de «clássicos» da literatura universal, de que é exemplo o bem sucedido *Ulisses* de Maria Alberta Menéres.
6. De registar ainda as **narrativas juvenis** mais ou menos extensas, de **mistério e indagação**, protagonizadas por grupos de crianças e jovens, como as séries inglesas «Os Cinco» e o «Clube dos Sete» de Enid Blyton, ou as suas epígonas nacionais, de maior ou menor valia literária, como as colecções «Uma aventura...» de Ana Maria

Magalhães e Isabel Alçada, «Triângulo Jota» de Álvaro Magalhães (esta a orientar-se cada vez mais para o *estranho* e o *fantástico*) e outras ainda de autores como João Aguiar, Alexandre Honrado e a dupla Maria Teresa Maia González e Maria do Rosário Pedreira. Estas narrativas para pré-adolescentes e adolescentes podem assumir outros modelos, explorando por exemplo o clássico dispositivo da «**viagem no tempo**» e deixando-se contaminar por certos aspectos da novelística histórica (como acontece nos livros da colecção «Viagens no tempo» de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada) ou fazendo até incursões na **ficção científica** – raras entre nós na área da literatura juvenil.

7. Reserve-se uma nota para as chamadas **novelas «cor-de-rosa»**, mais dirigidas a raparigas, e para as narrativas de ambiência escolar ou outra, em que as/os jovens protagonistas, e os próprios modelos narrativos, se mantêm de livro para livro. Quer neste caso, quer nos mencionados no ponto anterior, encontramos-nos perante obras que em geral obedecem aos princípios da chamada *formula fiction*.

8. Refiram-se também os romances ditos de fantasia – por vezes de várias centenas de páginas –, que exploram a voga dos «mundos paralelos» (de matriz tolkieniana ou outra) e de uma *high fantasy* por vezes já banalizada, ainda que architectada em certos casos com talento. A série *Harry Potter* de J. K. Rowling – que se encontra na encruzilhada de vários géneros, nomeadamente do romance gótico – é um dos exemplos recentes mais conseguidos desta tendência.

9. Se, nos pontos 6, 7 e 8, se aludiu a obras que *na sua maioria* se situam no âmbito da paraliteratura, registem-se agora as **novelas e romances juvenis de maiores ambições literárias**, como são, em Portugal, os de Alice Vieira e Ana Saldanha (entre «realismo psicológico» e «realismo social»), o livro *A Ilha do Chifre de Ouro* de Álvaro Magalhães (no domínio do fantástico), os melhores romances de António Mota ou ainda uma ou outra obra assinada por Alberto Oliveira Pinto (o romance histórico *As Filhas do Olho de Vidro*) e Carlos Correia (*Alex, o Amigo Francês*), por exemplo. A alemã Ursula Wölfel, os norte-americanos Scott O'Dell, Brock Cole, Virginia Hamilton e Katherine Paterson, a austríaca Christine Nöstlinger, o israelita Uri Orlev ou o galego Agustín Fernandez Paz são exemplos nobres deste tipo de ficção. Nela é possível encontrar diferentes subgéneros e tendências, em geral numa escrita de qualidade: o romance de viagens e aventuras, o romance histórico, policial ou de terror, o «realismo» familiar ou o «realismo» social.

10. De grande importância na literatura contemporânea são os **contos** para crianças, sempre **ilustrados**, também eles oscilando entre o «realismo» de uma Ilse Losa e as obras fantástico-realistas ou mesmo fantásticas de outros autores. Em Portugal, e cingindo-nos à segunda metade do século XX, encontramos muitos e importantes cultores destas narrativas, como António Torrado, o autor do conto apresentado no início deste texto. Exemplos: Adolfo Simões Müller, Sophia de Mello Breyner Andresen, Ricardo Alberty, Esther de Lemos, Matilde Rosa Araújo, Maria Alberta Menéres, Luísa Dacosta, Maria Rosa Colaço, Luísa Ducla Soares, José Jorge Letria, Álvaro Magalhães, António Mota e muitos outros. Colecções como a «Asa juvenil», a «Plátano de Abril», a «Pássaro livre» (Livros Horizonte), a «Picapau» (Verbo), a «Autores portugueses» (Porto Editora) e outras adquiriram merecida notoriedade com a publicação deste tipo de obras no pós-25 de Abril.

11. Na ilustração destes contos e também no **álbum** de tipo narrativo (*picture story book*), dirigido sobretudo às primeiras idades, se revelaram ilustradores portugueses de grande mérito como Manuela Bacelar, Danuta Wojciechowska, André Letria, Gémeo Luís e Marta Torrão, para apenas citar quatro exemplos. Cumpre acrescentar que por vezes podemos descobrir aqui uma nova figura autoral: a do ilustrador-escritor, responsável quer pelo texto linguístico quer pelas imagens, o que constitui um dos traços marcantes do álbum. Trata-se de uma área que conta com os seus «clássicos», como os livros da inglesa Beatrix Potter. De passagem, e um pouco ao acaso, registem-se ainda os nomes de Bruno Munari, Maurice Sendak, Leo Lionni, Max Velthuijs ou Anthony Browne. No nosso país, e em parceria com diversos ilustradores, autores como Luísa Ducla Soares, Manuela Bacelar e João Paulo Cotrim vêm dando um certo impulso ao desenvolvimento do álbum que, até há bem pouco tempo, tinha fraca expressão na nossa literatura para crianças.

12. É de salientar ainda a **literatura dramática** (ou seja a produção literária destinada à representação teatral) em que, nas últimas décadas, se têm salientado, entre outros, Norberto Ávila, Ilse Losa, Luísa Dacosta, António Torrado, Manuel António Pina, José Jorge Letria, José Vaz e Álvaro Magalhães.

13. Sublinhe-se a qualidade da **poesia portuguesa para crianças**, na qual em Portugal merecem destaque Antero de Quental, Afonso Lopes Vieira, Fernando Pessoa e, na segunda metade do século XX, nomes como os de Sidónio Muralha, Leonel Neves, Mário Castrim, Eugénio de Andrade, Matilde Rosa Araújo, António José Forte, Maria Alberta Menéres, Maria Rosa Colaço, Luísa Ducla Soares, Violeta Figueiredo, Álvaro Magalhães, Francisco Duarte Mangas, Jorge Sousa Braga e Vergílio Alberto Vieira, entre outros.

14. Por último, mencione-se a **banda desenhada**, que hoje se publica também para todas as idades.

Convém, no entanto, salientar que, no essencial **fora do âmbito da ficção** (ainda que certos elementos ficcionais possam ser utilizados, nomeadamente nos livros referidos nos pontos 15 e 18), outras obras assumem grande importância na formação de leitores e, por isso, devem fazer parte de qualquer biblioteca familiar ou escolar, a saber:

15. Os **livros de plástico, pano ou cartão para bebés**, além dos *pop-up books* e outras obras onde se esbatem fronteiras entre o livro e o brinquedo.

16. Os **livros informativos** para as mais diversas faixas etárias (sobre a vida quotidiana, os laços familiares, a casa e a escola, o campo e a cidade, a geografia e a história, as viagens espaciais, a tecnologia, os alimentos, a vida animal, etc.).

17. As **enciclopédias, atlas, dicionários** e outras obras de referência, hoje existentes para todas as idades.

18. Os **livros de actividades**, de carácter mais ou menos didáctico.

A diversidade da oferta é enorme, como se vê, mas importa ter consciência de que, por défice de qualidade, não merecem atenção mais de metade do total de títulos para crianças e jovens que anualmente são editados no país. A actualização dos fundos

documentais das bibliotecas escolares deve assim ter em conta as necessidades detectadas pelas equipas educativas, sem abrir mão da exigência no que toca à qualidade dos textos e das ilustrações – questões indissociáveis de uma gestão, também ela criteriosa, dos recursos disponíveis, quase sempre escassos. O que implica um acompanhamento da produção editorial por parte de bibliotecários e educadores em geral e uma atenção à crítica, em especial a que vem a lume em publicações especializadas (como a revista *Malasartes – Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude* e o boletim *Solta Palavra* do CRILIJ) ou nas páginas de alguns jornais, como o *Público* e o *Expresso*.

3. Escolas comprometidas com a Literatura

O que antes foi dito sobre o valor da leitura suscita uma reflexão sobre o papel da Escola na sua promoção e, muito em particular, na defesa das virtudes formativas da literatura. Com base na sua reconhecida experiência neste campo, o grupo espanhol Peonza propõe um decálogo, que aqui se apresenta com uma ou outra adaptação à realidade portuguesa:

- «1. Um agrupamento de escolas comprometido com a Literatura é aquele que a considera como fonte de desfrute, aventura, ócio e diversão.*
- 2. É aquele que inclui a leitura no seu currículo, convertendo a Literatura em matéria interdisciplinar com outras áreas curriculares.*
- 3. É aquele que realiza uma selecção adequada dos textos, de acordo com os interesses e gostos dos seus alunos e alunas e as suas circunstâncias pessoais, familiares e sociais. [Isto sem abdicar de outro propósito essencial: o de fazer emergir necessidades e interesses dos quais alo aluna/o não revele ainda consciência.]*
- 4. É aquele que, por meio da Literatura, prepara a pessoa para receber e emitir mensagens de todo o tipo, comentar e desfrutar a leitura, adquirir e reajustar constantemente a sua cultura e fruir esteticamente.*
- 5. É aquele que, por meio da Literatura, colabora na compreensão e tolerância das opiniões diferentes das do leitor, o motiva a lutar pela igualdade de oportunidades e pelo direito à saúde, orienta a sua afectividade, desenvolve a sua liberdade e dignidade, o leva a comportar-se responsabilmente, a assumir a sua identidade pessoal e social, a defender a paz, etc..*
- 6. É aquele agrupamento de escolas que elabora uma planificação sistemática e coerente da Literatura, não só como objecto de estudo, mas sobretudo como enriquecimento da pessoa e espaço individual de prazer, ao longo da Educação Infantil, Básica e Secundária obrigatória.*
- 7. É aquele que potencia (ou cria, se necessário) bibliotecas escolares e de aula.*
- 8. É aquele que promove a leitura a todo o momento: através do exemplo das suas professoras e professores enquanto verdadeiros leitores, por meio de actividades extra-escolares, de ócio e de férias, através de celebrações pontuais em torno do livro e da leitura, como o Dia Mundial do Livro, o Dia Internacional do Livro Infantil, o Dia da Poesia...*

9. *É aquele que dedica períodos de atenção individualizada a um acompanhamento de cada aluna ou aluno e, em consequência, se ajusta às suas necessidades concretas.*

10. *Um agrupamento de escolas comprometido com a Literatura é aquele onde as professoras e professores assumiram a responsabilidade de fomentar o amor pela leitura.» (Garcia Sobrino et al.: 1994: 42; trad. minha).*

4. Promover o livro, animar a leitura – a Biblioteca Escolar: um centro nevrálgico

Sublinharia, a terminar, a tripla condição da Biblioteca Escolar como «*lugar de encontros de prazer com o livro, centro nevrálgico no processo de ensino e aprendizagem e espaço de dinamização cultural*» (Coronas Cabrero, 2003: 21). E, neste quadro, lembro um artigo publicado em 2003 por um professor espanhol do ensino básico, Mariano Coronas Cabrero. Tratava-se no fundo de uma sistematização de procedimentos possíveis, em que o autor procurava traçar o mapa das inter-relações que, numa comunidade educativa, têm a Biblioteca Escolar como núcleo. Os sete pontos essenciais desse mapa são o Grupo de Apoio à Biblioteca, os professores, os alunos, os encarregados de educação e a associação de pais, as bibliotecas de aula, a Biblioteca Pública e as relações exteriores (tendo a seu cargo os contactos com a comunicação social para divulgação de experiências bem sucedidas, entre outros aspectos). No domínio da animação da biblioteca escolar, cabe à Escola um papel fundamental na promoção do livro e da leitura, através da organização de um conjunto de actividades de carácter cultural em que os sete eixos convirjam para um projecto comum.

Não gostaria, porém, que destas palavras transparecesse a impressão de que se preconiza um excessivo condicionamento das leituras por parte da Escola, reforçado por uma espécie de controlo estreito das mesmas pela Família. Por parecer necessário contrariar um pouco os excessos desta tendência, é que também se me afigura imprescindível a leitura recreativa, autónoma, gratuita e solitária, que a criança por escolha própria faz na Biblioteca ou recorrendo ao empréstimo domiciliário. E esse livre acesso ao livro tem, naturalmente, como condição fundamental, uma **organização não amadorística da biblioteca**. Ou seja, o fundo documental deve encontrar-se catalogado (catálogo de autores e de títulos) e indexado (catálogo de assuntos, incluindo os analíticos das publicações periódicas), de preferência em suporte informático.

Penso, a concluir, que no tocante a esta leitura infantil ou juvenil que acaba por ter como mediadores os pais, os professores e os bibliotecários escolares, se deverá actuar com sensibilidade e inteligência, com conta, peso e medida, pois «*fazer viver a leitura é ligar o livro à vida da criança, sem o limitar à aprendizagem e ao espaço escolar. É, longe das censuras e dos argumentos intelectuais, desvelar o interesse e o prazer da leitura, partilhá-los e discuti-los com ela. E é, finalmente, correr o risco de que, em qualquer lugar, a qualquer momento, o livro e o jogo da leitura possam estar presentes; sujeitos ao capricho de cada criança, para um breve encontro ou para uma longa conversa.*» (Savier, 1988: 61; trad. minha).

Referências bibliográficas

- ▶ CORONAS CABRERO, Mariano (2003). «Biblioteca Escolar y dinamización cultural del centro», *Peonza*, 66, Outubro. Santander, pp. 21-26.
- ▶ GARCIA SOBRINO, Javier; Flor Rebanal, Javier; Martínez-Conde, Juan Gutiérrez; Gutiérrez del Valle, Diego; Merino Merino, Paciano; Polanco Alonso, José Luis (Grupo Peonza) [1994]. *Apuntes de Literatura Infantil: Cómo Educar en la Lectura*. Santander: Alfaguara.
- ▶ SAVIER, Lucette (1988). «Tu lis encore!», *Autrement (L'Enfant Lecteur)*, série Mutations, 97, Março.

Anexo 1

Algumas actividades simples e genéricas de promoção da leitura na escola

. Procurar uma actualização dos educadores e professores, em matéria de literatura para crianças e jovens. Essa actualização é um dever destes profissionais, que se devem assumir como *leitores*.

. Contar histórias às crianças e trazer à escola pessoas que sejam bons contadores e bons narradores de «histórias de vida».

. Ler em voz alta histórias às crianças (pré-escolar, 1º ciclo, 2º ciclo), pelo menos uma vez por semana. Lido um conto, ou parte de um romance, as crianças recorrem, por vezes, à biblioteca, para conhecer as outras histórias do livro ou ler a continuação do romance.

. Ao analisar e interpretar um texto em aula, procurar na medida do possível apresentar também o livro de onde é extraído, fornecendo breves indicações biobibliográficas sobre o autor, explorando os aspectos paratextuais do livro e mostrando outras obras do escritor.

. Promover, no quotidiano escolar, momentos formais de apresentação/partilha/troca de ideias sobre livros por parte dos alunos, momentos esses organizados e orientados pelo professor.

. Proporcionar aos alunos, pelo menos uma vez por semana, momentos de leitura individual, recreativa e silenciosa de livros adequados à sua idade.

. Criar na sala um espaço de leitura, agradável, confortável e apelativo, onde exista uma pequena colecção de livros variados (contos, poesia, álbuns, pequenos romances, livros informativos, etc.) e adequados à idade dos alunos. Renovar, periodicamente, esse espaço e o seu fundo documental.

. Divulgar as novas aquisições da biblioteca escolar; criar um pequeno boletim da biblioteca para alunos e pais.

. Convidar autores e ilustradores para pequenos encontros com as crianças e os jovens. Esses encontros devem ser programados/planificados, culminando um projecto de trabalho (leitura, escrita, expressão plástica, expressão dramática, expressão musical, etc.) centrado nas obras do autor ou ilustrador. Deve ser solicitado o apoio da biblioteca pública e da autarquia.

. Organizar visitas dos alunos à biblioteca escolar e à biblioteca pública, para um melhor conhecimento do seu funcionamento e das suas virtualidades, para ver exposições e participar nas actividades culturais e lúdicas programadas.

. Programar/planificar actividades escolares – centradas no livro, na leitura e na escrita – de celebração do Natal, do Dia Internacional da Poesia (21 de Março), do Dia Internacional do Livro Infantil (2 de Abril), do Dia Mundial do Livro (23 de Abril) e do Dia Mundial da Criança (1 de Junho).

. Promover a leitura, difusão e discussão da Mensagem do Dia Internacional do Livro Infantil (APPLIJ / IBBY).

. Organizar uma vez por ano (próximo do Natal, em Abril ou noutro momento) uma Festa do Livro, com eventual mini-feira do livro, realizada com a colaboração de uma editora, uma distribuidora de livros ou uma livraria local. Motivar os pais para que a visitem com ou sem as crianças e para que comprem pelo menos um livro a cada criança. Promover, neste contexto, conversas de sensibilização dos pais para a importância da leitura.

Anexo 2

Pequeno apêndice provocatório para estimular a reflexão

Algumas receitas para fazer com que as crianças detestem a leitura
(baseadas em *Gianni Rodari e H. J. Holt*)

- 1.ª Repreender a criança por não gostar de ler.
- 2.ª Obrigar a criança a ler.
- 3.ª Mandar a criança ler um livro que não é do seu agrado.
- 4.ª Exigir à criança que leia um livro do princípio ao fim.
- 5.ª Deixar a criança sozinha com o livro.
- 6.ª Comentar para a criança todos os pormenores do livro.
- 7.ª Converter os livros em outros “deveres escolares”.
- 8.ª Transformar o livro em ferramenta académica.
- 9.ª Obrigar a criança a comentar um livro lido.

(Garcia Sobrino *et al.*, 1994: pp. 37-40, adapt.) .